

autores. Ao menos, não se encontra no livro nenhum indício neste sentido. “Na primeira margem do rio”, no entanto, é uma referência à localização do primeiro aldeamento estabelecido pelos Xavante na região a leste do Rio das Mortes, no século XIX (4). O relatório é produto de uma cooperação incomum entre quatro antropólogos, sendo dois americanos e dois brasileiros. Todos os autores são pesquisadores internacionalmente reconhecidos por seus estudos abrangentes sobre os Xavante, em particular no que diz respeito aos temas saúde, demografia e ecologia. E uma parte de suas experiências remonta até à década de 1970.

Mesmo com alguns ajustes editoriais, a estrutura do livro segue, em termos gerais, o formato de um relatório circunstanciado de identificação e delimitação, contendo capítulos sobre aspectos gerais da cultura do grupo indígena, sua história, demografia, relações ambientais, atividades econômicas e as dimensões econômicas, ecológicas e simbólicas da ocupação e uso do território tradicional, finalizando com uma proposta de delimitação. Trata-se, por seu caráter técnico para consolidar e consubstanciar uma proposta concreta para demarcar uma terra indígena, de um trabalho muito rico em informações etnográficas, linguísticas, históricas e ambientais, porém não se deve esperar reflexões profundas em teorização antropológica, o que seria uma expectativa despropositada neste caso. O mérito do trabalho resenhado é a apresentação sistematizada de conhecimentos sobre os Xavante de Wedezé. Desse modo, o livro também é uma fonte singular de conhecimentos empiricamente consolidados sobre os Xavante em geral.

A Terra Indígena Wedezé fica entre a margem direita do Rio das Mortes e o Rio Água Preta, no Estado de Mato Grosso. Desse modo, ela está localizada do lado oposto da Terra Indígena Pimentel Barbosa, que se estende em direção oeste a partir da margem esquerda do Rio das Mortes. Já nas primeiras páginas do livro, os autores destacam os significados históricos e simbólicos da área para os Xavante, em particular nos séculos XIX e XX, porém o reconhecimento desse território indígena por parte dos órgãos governamentais levou mais de seis décadas. A postura do órgão indigenista, por exemplo, mudou apenas na década passada, mas o resultado da identificação, realizada em 2011, foi contestado judicialmente por diversas partes que se consideram proprietários legítimos de imóveis localizados dentro dos limites da terra identificada.

A parte sobre língua e história contém numerosas informações detalhadas sobre os povos indígenas falantes de línguas Jê e, em particular, a ramificação Akwẽ (ou Acuen), além de uma reconstrução minuciosa dos movimentos migratórios dos Xavante, dos deslocamentos de suas aldeias e dos contatos com as diversas frentes colonizadoras, em parte baseada em depoimentos de testemunhas idosas. Tanto o início dos contatos pacíficos com os “brancos” e a história da atuação indigenista entre os Xavante quanto a redução dramática de seus territórios tradicionais por empreendimentos privados são descritos em detalhes.

O tamanho do capítulo sobre a demografia Xavante é incomum para um relatório técnico de identificação, mas

mostra as experiências abrangentes de pesquisa dos autores sobre os temas abordados. Dados epidemiológicos, por exemplo, são relacionados com dinâmicas territoriais, sociais e políticas em perspectiva histórica e com informações sobre grupos locais, suas lideranças políticas e seu dinamismo faccional. Em comparação com a população não-indígena do entorno, as taxas de nascimentos e óbitos dos Xavante são altas.

A qualidade das informações sobre as atividades econômicas e as relações ambientais também merece ser destacada. Os autores descrevem e analisam todas as informações disponíveis sobre as práticas econômicas dos Xavante das terras indígenas Wedezé e Pimentel Barbosa em comparação com outras terras habitadas por Xavante. Na parte ambiental, eles descrevem o manejo indígena do cerrado e explicam, especialmente, a função ecológica dos fogos antropogênicos usados para caçadas, apresentando-os como fogos controlados com efeitos ecológicos positivos, o que contraria radicalmente os argumentos usados por partes interessadas para culpar os Xavante de praticar a degradação ambiental de suas terras.

O trabalho se baseia no uso diferenciado de uma gama ampla de técnicas de pesquisa, em particular com relação aos temas ambientais. Os autores também recorreram à documentação histórica indigenista disponível, sobretudo para reconstruir os motivos que levaram ao deslocamento temporário dos Xavante da margem direita do Rio das Mortes para as áreas na margem esquerda. De um ponto de vista metodológico, eles destacam a participação indígena nas atividades de campo, as entrevistas com diversas testemunhas históricas e também o respeito aos segredos culturais (por exemplo, com relação a plantas medicinais).

No entanto, o que chama a atenção ao folhear o livro pela primeira vez, ainda sem conhecer os conteúdos dos textos, é o trabalho editorial sofisticado com seus numerosos elementos visuais (94, no total). As figuras e tabelas, as belas fotos e os diversos mapas informativos fazem da leitura de um trabalho, que em suas origens é um documento técnico, uma atividade prazerosa. Tanto os autores quanto o Museu do Índio merecem muitos elogios por um livro, cujas qualidades não residem apenas em sua riqueza de informações, mas também em seu caráter didático exemplar. Desse modo, ele pode se tornar um parâmetro para a elaboração de outros relatórios de identificação e também para retroalimentar os debates e reflexões sobre consultorias e perícias antropológicas.

Peter Schröder

Wilkinson-Weber, Clare M.: Fashioning Bollywood. The Making and Meaning of Hindu Film Costume. London: Bloomsbury, 2014. 212 pp. ISBN 978-1-84788-697-2. Price: £ 19.99

In der wachsenden wissenschaftlichen Fachliteratur über die indische Filmindustrie Bollywood finden sich kaum ethnografische Analysen der Produktionskultur – abgesehen von Gregory Booth (2009), der sich den Musikern widmet, und Tejaswini Ganti (2012), die Arbeit und Diskurse der Regisseure, Produzenten und Stars un-

tersucht. Die vorliegende Studie von Clare M. Wilkinson-Weber über die Bollywood-Kostümproduktion stellt eine wichtige Ergänzung dieser Medienethnografien dar und kann als Vorbild für weitere derartige Untersuchungen dienen. Aktuell verfolgt Wilkinson-Weber selbst über dieses Werk hinaus die Untersuchung der Arbeitskulturen Bollywoods konsequent weiter. Im Gegensatz zu Ganti, die sich in ihrer Untersuchung den Eliten zuwendet, gilt die Aufmerksamkeit von Wilkinson-Weber besonders den "kleinen Leuten", der Arbeiterschicht, einfachen Nähern und Schneidern, aber wohl auch (mehr oder weniger) prominenten Designern.

Die Autorin hat sich als eine anthropologische Expertin für textiles Handwerk im modernen Indien einen Namen gemacht und bereits umfangreich zu Kostümen im Hindi Film oder zu deren Rezeption bzw. Adaptation im indischen Alltag publiziert. Ihre "relativ kurzen" Feldaufenthalte dauerten zwischen einer Woche und vier Monaten und erstreckten sich seit 2002 über einen Zeitraum von 8 Jahren. Aus wiederholter teilnehmender Beobachtung und über hundert Interviews akkumulierte sie ein beeindruckendes und überzeugendes Mosaik, welches detailliert und kenntnisreich über spezifische Routinen des Bollywood-Textildesigns informiert. Ergänzt wird der ethnografische Zugang durch Filmanalyse.

Besonderes Augenmerk richtet die Autorin auf die wichtige Rolle sogenannter *dressmen* oder *dresswalas*, welche am Set handwerklich improvisierend aushelfen. Stardesigner arbeiten dagegen häufig nicht ausschließlich für den Film und werden in der Filmindustrie nur von ausgewählten Stars beauftragt. Dies ist ein deutlicher Hinweis, dass in Bollywood die Kostümabteilung wenig integriert ist – hier zitieren Angehörige der indischen Filmindustrie gerne das Hollywood-System als ein konträres Modell. Eine deutliche Unzufriedenheit mit dieser inkohärenten Produktionsweise ist häufig festzustellen, doch wenig weist darauf hin, dass sich rasch etwas ändern würde.

Diese Monografie behandelt Kostüme umfassend in ihrer Materialität und Zeichenhaftigkeit als ein Element der Präsentation eines Charakters sowie in ihrem Bezug zur Körperlichkeit und zur historischen und kulturellen Imagination. Fragen nach der vestimentären Konstruktion einer Starperson, der Ausstrahlung des Kinos auf die Alltagskleidung, oder nach der Objektbiografie von Filmkostümen nach Ende der Dreharbeiten werden diskutiert.

Im Vordergrund stehen allerdings die Arbeitskulturen im Kostümbereich: die sozialen Netzwerke des Personals, dessen gesellschaftlicher Status und sein praktisches Wissen und Handeln, sowie die Diskurse der Spezialisten des Textilbereichs über den fortschreitenden Wandel der Filmindustrie im Zuge von Neoliberalismus und intensiver Globalisierung seit den 1990er Jahren. Hier zeichnet sich der Gegensatz ab zwischen einer handwerklichen Kultur, die in einer Situation des Mangels mit geringen Mitteln eindrucksvolle Effekte hervorzurufen verstand, und auf der anderen Seite einer Ästhetik des Konsums, wo Markenbewusstsein zu einem bedeutenden kulturellen Kapital wird. Dieser Kontrast spiegelt auch einen Klassengegensatz, in dem Distinktion über Geschmacksfragen

und Bildung (vorzugsweise symbolisiert durch Vertrautheit mit dem Englischen) inszeniert wird. Übrigens ist die Textilarbeit im indischen Film tatsächlich männlich dominiert; Frauen sind eher als Designer tätig, wodurch Klassendifferenz bisweilen auch durch einen Genderkontrast intensiviert wird. Während moderne Vertreter der Profession – Angehörige einer gebildeten Mittelschicht – den demonstrativen Einsatz globaler Brands als ein legitimes künstlerisches Mittel betrachten und die Arbeit der älteren Generation als unrealistisch und kitschig kritisieren, betont diese wiederum ihre handwerklichen Fertigkeiten und oft auch ihren Patriotismus, der auf der Vorstellung nationaler Autarkie beruht. Westliche Kleidung wurde im modernen Hindi-Film assimiliert. Spektakel und Exzess älterer Filme, wie beispielsweise permanente Kleidungswechsel und fantastische Kostüme, werden in neueren Filmen mitunter ironisch parodiert. Hier wird eine Dichotomie sichtbar, die sich in vielen Bereichen indischer Kultur manifestiert, und die auch in zahlreichen Medienanthropologien angesprochen wird, die den Kontrast zwischen dem alten Bombay Cinema und dem modernen Bollywood beleuchten. Durch den Fokus auf das praktische Handeln werden in dieser Studie jedoch ebenso Kontinuitäten in der Arbeitskultur verdeutlicht, die im Gegensatz zu verbreiteten Diskursen stehen. Die Expertise der *dressmen* ist nach wie vor unabkömmlich, wenn es um Improvisationstalent und handwerkliches Geschick geht. Ihr reiches "ethnografisches" Wissen (etwa über Traditionen, den Turban zu wickeln) ist oft gefragt. Es besteht jedoch die Tendenz, den Fortbestand praktischer Arbeitsroutinen stillschweigend zu ignorieren, während elitäre Innovationen zelebriert werden.

Wilkinson-Weber registriert sensibel neueste Entwicklungen und erforscht mit *Oral History* eine vernachlässigte Vergangenheit; sie stößt interessante und inspirierende Fragen an (die selbstverständlich jenseits einer Spezialisierung auf Bollywood ebenso relevant sind), so dass bei der Lektüre deutlich wird, welch überaus produktiver Forschungsprozess hier im Gange ist. Ihre intime Kenntnis der Arbeitspraxis in Bollywood wurde mir jüngst auch im Gespräch mit der *Production-Designerin* Aradhana Seth bestätigt, die sich hellauf begeistert von der treffenden Analyse und der klaren Sprache zeigte, als ich ihr ein Zitat aus diesem Buch zeigte. Bernhard Fuchs

Willford, Andrew C.: *Tamils and the Haunting of Justice. History and Recognition in Malaysia's Plantations.* Honolulu: University of Hawai'i Press, 2014. 318 pp. ISBN 978-0-8248-3894-2. Price: \$ 55.00

An ethnography that depicts the culture of the people who are subject of the work in the way that the characters and the setting come to life is what most anthropologists seek to write or read. However, an ethnography that does that, but also makes a significant theoretical contribution, implicitly or explicitly, is a delight to read. This book was a delight to read for its fine ethnographic insights on the lives of Tamils in Malaysia and also for its theoretical engagement which draws from the work of Benjamin, Derrida, Lacan, among others, to produce a so-